

PROJETO DE PESQUISA: COMO FAZER.

André Luiz Joanilho*

Resumo: O texto explora a possibilidade da confecção de um projeto de pesquisa em sala de aula e a sua possível execução, não esquecendo que a pesquisa em História deve se pautar em determinados procedimentos que poderíamos chamar de científicos.

Unitermos: história, ensino de história, pesquisa, educação.

Introdução

Para chegarmos à questão do projeto de pesquisa precisamos entender determinados procedimentos efetuados pelo discurso histórico. Esta compreensão parte do princípio de que não existe um único discurso possível sobre os acontecimentos passados. Podemos até dizer que há histórias, mesmo porque

os acontecimentos não existem com a consistência de um objeto concreto. É necessário acrescentar que, não importa o que se diga, não existem também como um 'geométral'; prefere-se afirmar que eles têm existência em si mesmos como um cubo ou uma pirâmide: nunca percebemos todas as faces de um cubo, ao mesmo tempo, só temos um ponto de vista parcial; em contraposição, podemos multiplicar esses pontos de vista (P. Veyne, 1982:31).

* Professor do Departamento de História - Universidade Estadual de Londrina.- Londrina/PR.

E a somatória não implicaria no conhecimento total, pois

parece que na história só existe um único geometral autêntico: é a História, a história no seu todo, a totalidade de tudo o que se passa. mas esse geometral não é para nós; somente Deus (...) vê uma pirâmide sob todos os seus ângulos ao mesmo tempo, (e) pode contemplar a História 'como uma cidade vista de diferentes lados' (Idem).

Este alerta no início do artigo é para lembrar que a História para se tornar um discurso que traz em si a **verdade**, deve projetar sobre aquilo que fala uma enunciação institucional, ou seja, ela se projeta enquanto instituição. Para tanto, efetiva determinadas operações que tornam a sua fala **verdade**. De início o discurso historiográfico assume que é institucional: possui em si a validação do próprio discurso, isto é, ele possui a *prova* do que diz. Ora, se a visão do passado não é geometral, logo, o discurso historiográfico possui uma visão, portanto não é a única.

Outra característica é colocar todos diante do acontecimento como se fosse o único e que ocupava todas as preocupações das pessoas. Por exemplo: a Revolução de 1930. Pela literatura a respeito, parece que todo o Brasil pensava a mesma coisa. Todos queriam acabar com a República Velha (a denominação foi dada pelos vitoriosos de 1930). Não existia um único projeto de revolução (Cf. De Decca, 1982). Entretanto, parece-nos que o projeto revolucionário era único e que todos estavam com a mesma idéia, com exceção dos beneficiários do antigo sistema republicano.

Uma outra característica do discurso historiográfico é determinar exatamente o que é bom e o que é ruim (República Velha, ruim; República Nova, bom). Logo, os acontecimentos ficam determinados pelo seu caráter, induzindo à sua aceitação como única possibilidade já que é bom, ou renegando-o já que é ruim. Esse pequeno jogo de par/oposição, nos leva a acreditar na infabilidade dos acontecimentos e na certeza da realização de um avanço histórico.

Finalmente, para que se concretize tais perspectivas, é necessário encontrar protagonistas. No caso de 1930, dependendo da opção teórica, temos Getúlio Vargas ou Tenentes e Partidos Populares. Encontrar o sujeito responsável pelos acontecimentos, significa dar sentido às três características anteriores, pois ele pode ser apresentado como o portador da verdade (o projeto revolucionário de 1930 era verdadeiro porque venceu - opera-se pela lógica da prova); todos giravam em torno desse sujeito responsável, mesmo porque, ele era o portador do projeto vencedor; e, portanto, estava definido o que era certo e o que era errado.

Assistimos demais essas operações empreendidas pelo discurso historiográfico. Dessa forma, é necessário estabelecer com cuidado a pesquisa para que não incorra nessas operações, mesmo que se tenha a boa intenção de dar a visão dos vencidos na história, pois, poderia-se somente inverter o quadro em relação ao sujeito, mas submetendo a análise e as conclusões aos mecanismos apontados acima. Logo, são necessárias algumas precauções.

A **primeira precaução** metodológica, deverá ser a compreensão de que não se está contando ou pesquisando **tudo** o que aconteceu, e sim está sendo empreendida uma tarefa local e específica, sem nenhuma pretensão de totalidade.

A **segunda precaução** será a de que o acontecimento pesquisado pode e deve ser inserido num contexto mais amplo, produzindo a noção de interrelação. A urbanização de um bairro numa cidade não se isola de movimentos populacionais do país, e este, por sua vez, não se isola no contexto mundial. Assim, pode-se ter a compreensão de que um fato só pode ser compreendido globalmente e que não se esgota sobre si, isolando-o de processos mais amplos. Mas, repetindo, isso não quer dizer que há um único movimento, e sim, que pode-se produzir visões locais sobre os acontecimentos num sentido mais amplo.

A **terceira precaução** é a noção que se produz **uma** verdade, e não **A** verdade, pois trata-se, como já foi dito, de um trabalho local. Logo, se alunos estão participando do trabalho, eles devem compreender que estão ligando as suas experiências pessoais a processos maiores, e que

tanto participam da constituição desses processos como também sofrem a sua ação.

A **quarta precaução** refere-se ao trabalho com a memória. Ela só terá um sentido se houver a inferência do historiador, isto é, entendê-la como participante de processos sociais. Portanto, não se deve ler, simplesmente, os acontecimentos pela memória, o que poderia levar a uma bela coletânea de impressões, e sim pelo sentido dado pelo historiador. Assim, entrevistas, recortes de jornais, fotografias, devem ser tratados como documentos, isto é, como elementos que compõem um quadro.

Portanto, o trabalho do professor em sala de aula, ultrapassa a simples função de coletar todas as informações como se elas próprias pudessem ser alguma coisa. Ele deve dar um tratamento a esses dados, situá-los dentro de um quadro histórico, permitindo, dessa forma, que seus alunos produzam o seu conhecimento histórico. Desse modo, é preciso estabelecer objetivos de acordo com muitas variáveis.

A **primeira variável** liga-se à clientela que se está trabalhando. De nada adianta estabelecer uma bela pesquisa se os alunos não têm proximidade com o tema. Assim, um dos objetivos é permitir à clientela a abordagem de um assunto que lhes diga respeito, devendo ser a produção histórica desse assunto o primeiro objetivo.

A **segunda variável** apresenta-se sob a forma do tema em si. O assunto deve ser acessível, ou melhor, o material coletado deve estar à mão. Pois nada melhor do que o próprio aluno exercitar o seu raciocínio, lembrando de que a coleta e a colagem em mural pura e simplesmente não traz nenhum ganho quanto à elaboração do material, a não ser o trabalho de recorte e colagem, e acredito que a prática da produção histórica não se resume ao exercício físico.

A **terceira variável** depende dos textos trabalhados em sala de aula. Os alunos não poderão desenvolver nenhum raciocínio histórico se o professor não fornecer textos que lidem com o assunto em questão, caso contrário entraríamos no universo do senso comum, e não é necessária a reflexão para isso. Poderíamos fazer um pequeno exercício de como o senso comum pode dominar o trabalho em sala. Digamos que um professor, consciente do seu papel político resolva estudar a

situação do bóia-fria. Pelo senso comum, partiria da seguinte pergunta: por exemplo, por que o bóia-fria é tão pobre? Respostas possíveis a partir de recortes de jornal: porque o usineiro é um grande sacana. Porque o governo não quer saber dos mais pobres. Porque ele não estudou. Porque o brasileiro é preguiçoso e não quer saber de trabalhar (ganhar dinheiro). Sem a mínima elaboração *teórica*, e para que os alunos não produzam respostas como estas, o professor consciente teria que os induzir à resposta que ele próprio tem.

É evidente que os alunos não poderão dar conta de textos teóricos, mas o professor sim. Logo ele deve elaborar o seu próprio material e apresentá-lo *didaticamente* a seus alunos para que estes possam participar da confecção de um projeto de pesquisa.

O Projeto

Evidentemente que é fundamental o projeto de pesquisa para qualquer trabalho em história, ou qualquer outra disciplina. O projeto que vamos sugerir serve apenas como indicação e não tem nenhum caráter de verdade absoluta. Ele é um meio para que o professor possa desenvolver o seu trabalho, portanto estou seguindo um padrão já estabelecido.

Nesse sentido, a execução do projeto permitirá aos alunos compreenderem todas as etapas do processo de produção do conhecimento histórico, além de planejarem as atividades a serem desenvolvidas durante o ano. Dessa forma, um projeto de pesquisa pode ser dividido em 4 partes: introdução, objetivos, metodologia e cronograma. Podemos ainda subdividir, para facilitar os itens apresentados, como por exemplo os objetivos - objetivos gerais e específicos - mas isso pode ficar a critério do professor.

1. Introdução

A introdução visa dar uma noção geral ao professor e aos alunos do tema do trabalho a ser empreendido, por isso geralmente é aqui que se define o objeto. Por exemplo, se a proposta é estudar a imigração e a urbanização do bairro onde a escola se localiza, deve-se delimitar por que e o que se está estudando. A compreensão de processos que levaram à urbanização e à chegada de novos moradores é fundamental.

Digamos, por exemplo, que o bairro em questão tenha se constituído a partir de um processo de industrialização que a cidade sofria, e que a região oferecia terrenos baratos para uma população de baixa renda formada por operários. Então, o professor, junto com os alunos, deve estar atento em primeiro lugar para a formação geológica e geográfica da região (é uma boa chance de atuar junto com Geografia), para determinar a questão do valor e das condições topológicas do terreno. Em segundo lugar, deve-se atentar para o tipo de indústrias que se instalavam na cidade (têxtil, de bens duráveis, de base, etc.), e onde, pois o bairro em formação pode ficar ao lado das indústrias. Em terceiro lugar, o professor e os alunos devem verificar quando se inicia esse processo, isto é, deve estabelecer o período que a pesquisa vai abordar. A partir daí, em quarto lugar, verificar o processo de industrialização do país, por exemplo, anos trinta, Era Vargas, anos sessenta, *milagre econômico*, e assim por diante. Isso é importante para definir como se dá o processo de industrialização da região. Daqui, novamente junto com geografia, poderia-se estabelecer movimentos migratórios no respectivo período.

Vejam como está o nosso projeto. A partir dos elementos acima o profissional já tem condições de estabelecer o que, quando e o tema (relembrarmos que o tema deve surgir das perspectivas da própria clientela, além de enquadrá-lo dentro do processo de ensino de história, ou seja, que o tema se insira num quadro temático). Todos esses elementos podem e devem ser coligidos pelos alunos, através de trabalhos, pesquisa junto à bibliotecas municipais, junto à instituições públicas e privadas.

De forma resumida a introdução poderia ficar mais ou menos assim:

O trabalho a ser desenvolvido tratará do problema da urbanização do bairro *x*, como também da composição de sua população. Este estudo se deve à possibilidade de compreender os movimentos populacionais, permitindo o entendimento da formação de determinadas relações sociais, políticas e econômicas, como por exemplo a vizinhança, movimentos associativos, cultura regional, poder aquisitivo, consumo, etc. Portanto, verificaremos o processo de formação do bairro a partir do ano *tal*, pois é nesse momento que se formam os primeiros núcleos habitacionais.

A formação dos primeiros núcleos habitacionais é devida a alguns fatores:

1. Processo de industrialização brasileiro que nesse momento estava se dando no sentido da constituição de um parque industrial com a vocação de... (Era Vargas, desenvolvimentismo do governo JK, milagre econômico, etc.). Tal processo afeta a cidade *Y*, pois se encontra num quadro de área de expansão, tendo como ponto de partida o centro industrial *W*, atraindo as indústrias *tais e tais* nos anos mil e bolinha;

2. Processo migratório no sentido Norte-Nordeste/Sul-Sudeste, pois com a formação desse parque industrial e a sua expansão para a região *tal* da cidade *Y*, permitiu a chegada de uma grande quantidade de mão-de-obra excedente com *tais* características, a partir do ano mil e bolinha;

3. O deslocamento dessa população para o bairro *x*, se deve ao seguintes fatores geológicos e geográficos: (terreno, uso, proximidade ou não das indústrias, distância do centro da cidade, valor, salubridade, cobertura vegetal, antiga utilização, etc.);

4. Finalmente observa-se que a prefeitura empreendeu o seguinte trabalho para a urbanização: (traçou arruamentos, não fez nada, permitiu a instalação de determinado tipo de casa, o bairro foi caracterizado como industrial, instalou ou não rede de água e esgoto, luz, etc.), facilitando ou dificultando a construção de casas do tipo *tal*, devido principalmente ao valor do terreno e ao poder aquisitivo da população que ali se instalava, dando a seguinte característica ao

bairro: (arruamento, tipo de construção, áreas de lazer, comércio, indústria, associações, clubes, formação sócio-econômica da população, etc.).

Tendo em vista esses fatores a população do bairro se constituiu exclusivamente de migrantes provenientes de *tal lugar*, formando uma mão-de-obra não qualificada, que por sua vez se encontrava distante do local de origem, tendo que reconstituir suas relações sociais a partir das condições que se ofereciam.

Portanto, esta pesquisa irá estudar o processo de constituição de relações sociais no bairro x, conforme será explicitado no próximo item.

Além desse perfil que inicialmente o projeto poderia ter, faz-se necessário discutir também na introdução alguns textos que servirão de base e apoio para o desenvolvimento das atividades. No caso, poderíamos partir dos próprios livros didáticos que tratam da industrialização, urbanização, migração, formação da mão-de-obra. Essa parte da bibliografia é acessível para a maioria dos professores e não deve se constituir numa dificuldade. Entretanto, resta uma outra bibliografia que já não é tão acessível. O jeito é apelar para as coleções que as editoras colocam à disposição do mercado. Algumas delas podem ser encontradas nas próprias escolas, principalmente nas mais aparelhadas, ou nas Universidades e Faculdades mais próximas.

Essa bibliografia deve entrar logo na introdução, pois poderá fornecer a visão que se terá do estudo *a priori*, isto é, antes de se fazer a pesquisa como o tema é compreendido, para que sirva de orientação e também, se possível para ser criticado se a pesquisa apontar rumos diferentes (dependerá é claro do empenho do professor).

Dessa forma, o professor junto com os alunos ao levantar os fatores que permitiram a formação do bairro x, devem fazê-lo tendo por base os autores que trataram o assunto, por exemplo:

O processo de industrialização do referido período é entendido pelo Fulano de Tal, como um processo que "blá-blá-blá, blá blá, blá-blá..." (citação do texto original - não esquecer de fornecer ao final da citação os dados do livro).

A partir de uma compreensão do que vai ser estudado será possível o próximo passo, os objetivos, onde deverão ser construídas as hipóteses de trabalho.

2. Objetivos

Normalmente os objetivos ultrapassam a simples constatação do tema do tipo, *pretendemos com esse estudo trazer uma visão crítica da realidade por parte dos alunos*, quando, no entanto, está simplesmente fazendo uma coleta de materiais ou recortando jornais, para depois fazer os gloriosos murais. Como em qualquer empreendimento científico, deve-se partir de hipóteses para confirmar ou não as premissas que forem apresentadas, isto é, tendo sido feito o estudo sobre o tema, então professores e alunos estabelecem um ponto de partida e chegada, ou melhor: formula-se uma questão sobre o tema e responde-se a ela. Toda a pesquisa será feita tendo como objetivo verificar se a resposta é correta e válida. Logo, hipótese é a resposta dada a uma questão que será ou não confirmada.

Vamos continuar no exemplo da formação do bairro. Digamos que após os estudos iniciais, surja a pergunta: tendo em vista todo esse processo de industrialização, urbanização, que em nada favoreceu as pessoas que se instalavam no bairro, como elas reconstróem a sua sociabilidade? Ou que meios as pessoas utilizaram para reconstruir relações sociais? Ou ainda, por que se urbanizou dessa forma o bairro? Essas questões devem ser respondidas, o que estabelecerá a hipótese de trabalho.

Para a questão da forma de urbanização, por exemplo, poderíamos observar relações de poderes que se estabelecem na sociedade e procuram organizar a vida cotidiana das pessoas, por exemplo: devemos notar que a falta ou a instalação de equipamentos urbanos - água, esgoto, luz, praças, ruas, etc. - tem uma função específica, a criação de uma mentalidade ligada a esta indústria do conforto, evitando-se possíveis aglomerações em locais fornecedores de água, no caso de não se ter água encanada, onde poderiam circular informações não controladas. Logo, poderíamos pensar que planos de arruamento,

água encanada, esgoto, visam, além da questão higiênica, a formação de um espaço delimitado de sociabilidade, ou melhor, um espaço mais ou menos estabelecido onde ela acontece, evitando-se, dessa maneira, que ela ocorra livremente através das próprias pessoas. Portanto, equipamentos urbanos podem fazer parte de uma estratégia para se evitar ou controlar relações sociais. Com essas premissas, podemos estabelecer a seguinte hipótese (dentro do nosso exemplo): *a constituição de um traçado urbano no bairro "x", vai determinando o tipo de sociabilidade que deve se estabelecer, pois, o equipamento urbano evidencia de antemão o tipo de bairro que se constitui que, conseqüentemente, também estabelece que tipo de morador ali se instala. Isso é notável tanto pelo que tem como pelo o que não tem (praças, ruas asfaltadas, água encanada, esgoto, empresas estatais de serviços - correios, delegacia, etc.), criando, dessa forma, distinções claras em relação a outros bairros da cidade.*

Poderíamos, ainda, estabelecer uma segunda hipótese a partir dessa: *que a despeito dessa estratégia de urbanização, os moradores reconstruem suas relações com base em experiências passadas (locais de origem), combinando como novos elementos que se apresentam, reutilizando os equipamentos em seu favor, ou seja, criando táticas de apropriação e recriação de relações sociais.*

É evidente que para sustentar as hipóteses acima, o professor teria que consultar uma bibliografia muito grande e que se encontra em locais específicos (bibliotecas de Universidades, por exemplo). Porém, é possível ao profissional trabalhar com uma bibliografia básica, que permitiria avançar sobre o senso comum, dando condições para os próprios alunos irem dominando o processo de produção do conhecimento histórico.

Mas é importante que o professor note que a hipótese de trabalho é o norte do projeto, e ela deve ultrapassar o nível do senso comum, ou a simples constatação. Assim, a hipótese, para lembrar é a resposta possível à determinada pergunta que deve ser comprovada ou não pela pesquisa. O problema fica por conta dos livros a serem consultados e estudados, que uma solução provisória apontaria para as coleções e a pesquisa nas bibliotecas das escolas melhor aparelhadas.

É claro que a prática da pesquisa não se adquire com uma simples leitura de uma sugestão de projeto. Ela vai se estabelecendo com muito treino e na base da tentativa e erro. Porém, se o professor quer realmente estabelecer o ensino de História sob novas bases, ele deve empreender esta tarefa, e esta exige dedicação, leitura e vontade, pois nenhum texto ou livro poderá suprir totalmente a confecção do projeto e a sua execução, a não ser que o profissional queira deixar essa prática para outros.

3. Metodologia

A metodologia pode se constituir numa das etapas mais difíceis do projeto, pois seria necessário ao profissional penetrar num campo intrincado de como proceder com a pesquisa, de que modo utilizará a documentação e mais, qual o caminho de análise para comprovar as hipóteses. Mas, como não pretendo prolongar o caminho, apresentarei algumas sugestões para compor a massa documental e de que forma dela extrair os resultados esperados (se o profissional observar que os documentos não atendem às hipóteses, ou estas estão erradas ou os procedimentos de pesquisa não foram feitos a contento).

Em primeiro lugar é preciso ter em conta que tipo de documentos serão utilizados (atenção: considero documento todo e qualquer material que possa servir para um trabalho de pesquisa - fotos, documentos escritos, depoimentos orais, etc.). É a partir deles que poderemos ter uma idéia da abordagem.

Dentro da proposta de trabalho que apresentei, a formação do bairro, teremos três massas documentais: documentos, depoimentos e fotos. Quanto ao primeiro, é possível conseguir documentação junto à prefeitura. Mapas, decretos, planos de arreamento, de canalização de água e esgoto, eletrificação, discursos na câmara municipal, jornais, etc. Esse trabalho de coleta deve contar com a inteira participação dos alunos. Para organizar este material sugiro a amostragem em séries documentais, isto é, caso haja documentos da mesma espécie com conteúdo parecido, para que haja mais agilidade, o melhor é a amostragem, a não ser que o professor seja adepto do método

quantitativo e desejo fazer um levantamento exaustivo em cada série. Assim, o *habite-se*, se existir, por exemplo, que poderia ser exaustivo levantar, ler e analisar todos, pode ser pesquisado por amostragem (a cada cinco ou dez). Este documento pode apontar para gostos, modos de compreensão do espaço privado, expectativas, costumes, etc., pois o modo como são distribuídos os cômodos, a divisão do espaço interno, apontam para expectativas de ascensão social, padrões burgueses de construção, padrões burgueses de família, e assim por diante.

Os depoimentos a serem recolhidos devem, após a transcrição, ser submetidos aos depoentes para verificação, correções, assinatura e, caso seja possível, registro em cartório, pois o depoimento só terá validade como documento se houver o aceite e o de acordo de quem o fez. É importante que a pessoa que fará a entrevista tenha um roteiro de perguntas para não incorrer no perigo de ficar coletando memórias não adequadas à pesquisa, o que tomaria tempo do pesquisador e do entrevistado. Dessa forma, é recomendável que se proceda uma seleção do questionário que deverá girar em torno do assunto pesquisado. Mas atenção! Muitas vezes perguntas diretas não apontarão para o problema do projeto. Logo, o cuidado com o questionário deve abordar também perguntas laterais, do tipo: *como o pratica o seu lazer?* ou, *o que gosta de fazer nas horas vagas?*, ao invés de *o que o sr. acha do bairro?* Nas primeiras poderíamos obter respostas mais precisas de como a pessoa vivencia o bairro, do que na segunda, cuja resposta seria do tipo linear, ou frases feitas (*o bairro é bom, mas tem muita violência, o bairro é muito ruim, não dá para viver, Ah! Antigamente que era bom, hoje em dia está tudo ruim*). Devemos preparar as perguntas para escapar das respostas de lugar comum, e que sem o devido preparo nos levaria a conclusões de senso comum, que é tudo o que não queremos.

O tratamento da terceira massa documental deve ser mais comparativo, por isso é importante coletar o máximo de fotos de época, principalmente do bairro (ruas, casas, momentos de lazer, etc.). Com isso é possível compor uma imagem do período abordado, comparando com o momento atual e, se possível, com outros bairros, estabelecendo, assim, as diferenças e igualdades. É claro que o uso de fotografias não

se esgota neste trabalho. Se o professor quiser poderá contar com o auxílio do professor de Educação Artística para discutir com os alunos a linguagem fotográfica, as fotos de época e assim por diante.

Devo lembrar que as massas documentais acima fazem parte da sugestão feita de projeto, e podem variar conforme os interesses da disciplina, da sala, da comunidade e do professor. Também lembro que o tratamento apresentado não é o mais extenso nem o melhor, foi só um atalho para não ter que discutir longamente metodologia em História, mas vale a pena o professor se aprofundar no tema, o que aprimoraria o seu desempenho na matéria.

5. Cronograma

O cronograma vale mais pelo planejamento e pela medição dos resultados obtidos. Como sugestão é melhor o profissional programar as atividades de pesquisa e conclusão junto com o ano letivo, mas nada impede que o projeto tenha uma alcance maior, depende da clientela. Se esta se apresenta constante de uma série para a outra, é possível estender o projeto.

O importante é que o professor estabeleça as metas junto com os alunos, procurando demonstrar como uma etapa está diretamente ligada a outra; dessa forma, os alunos perceberão que o conhecimento histórico é processual, ou seja, ele não se separa dos demais processos de produção do conhecimento. Ele é feito com base em premissas, hipóteses, pesquisa e comprovação de hipótese; a diferença reside na necessidade em transformar tudo isso em texto, o que resultou no gasto de muita tinta, já que muitos confundem pesquisa, métodos, hipóteses, com a narrativa final que, na realidade, é o resultado do trabalho anterior, sendo que um não se reduz ao outro.

Na questão do cronograma, o primeiro passo cabe ao professor: a seleção de bibliografia. Esta deve ser levantada com o máximo de antecedência possível, pois será com base nesse material que o profissional poderá estabelecer o trabalho a ser desenvolvido conforme as necessidades da disciplina.

Na parte da pesquisa propriamente dita, poderíamos estabelecer o seguinte:

A) Confecção do projeto e leituras - março/abril.

B) Levantamento de fontes e pesquisa em jornais, bibliotecas, prefeitura, órgãos públicos - maio/junho/agosto.

C) Entrevistas - junho/agosto.

D) Classificação dos documentos levantados e transcrição - setembro/outubro.

E) Redação - outubro/novembro.

Entre uma atividade e outra é aconselhável que os alunos produzam relatórios parciais de pesquisa, pois isso permite um acompanhamento de perto do desenvolvimento das atividades.

A maior parte do trabalho de pesquisa é feito fora de sala de aula, portanto, o professor pode continuar as leituras e discussões em sala, devendo reservar um período para discutir o andamento da pesquisa. As leituras devem vir no sentido de auxiliar o trabalho de pesquisa, não sendo esta uma atividade paralela. A separação de uma e outra levaria a uma dicotomia no processo, cortando pela base todo o trabalho desenvolvido.

Caberia, ainda, acrescentar ao projeto a bibliografia levantada, os locais de pesquisa e, caso já tenha sido estabelecida, a documentação a ser pesquisada.

Finalizações

É bom observar que os conteúdos tradicionais também devem ser atualizados, isto é, trazer para os antigos conteúdos novos elementos que a historiografia mais recente vem trabalhando como mentalidades, imaginário, cotidiano, práticas micro-políticas, sexualidade, etc. Isso permitiria aos alunos acompanhar as discussões que se produziriam através da pesquisa e ao mesmo tempo teriam uma noção mais *erudita* da própria história, reconhecendo processos mais globais, o que evitaria o particularismo generalizado, ou seja, tomar um acontecimento particular como, por exemplo, a formação de um bairro, por um acontecimento geral, a formação das cidades nas sociedades

capitalistas. É justamente aqui que os conteúdos tradicionais podem informar o aluno no processo de pesquisa em sala de aula, logo é um trabalho que o professor deve empreender. Por isso é importante que sejam estudados os livros que possuem esse tipo de conteúdo, ressaltando a atualização deles com novos elementos.

É nesse sentido que a prática da pesquisa deve vir, e não ao contrário, ou seja, na formação do raciocínio histórico na sala de aula.

Referências Bibliográficas

- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1982
- DECCA, Edgar. *O silêncio dos Vencidos.* São Paulo: Brasiliense, 1982.